

Penna, Agulha e Colher

SEMANARIO DE DONAS E DONZELLAS

Directora: Zenir Alcéa
Caixa postal n. 49

Supplemento da «E'poca»
Anno IX—Num. 2



Anno II

Florianopolis, 26 de Outubro de 1918

Num. II

Agradecendo

A' querida amiga Zenir Alcéa

Hontem, às 11 horas, sahi, triste e pensativa, com destino ao Grupo Escolar.

Ao passar perto da nossa velha matriz, tive desejo de entrar, a fim de pedir a Deus que consolasse um pouco o meu desolado coração.

Entrei... Ajoelhei-me aos pés de Maria Santissima e fiz minha pequena prece. Levantei-me para sahir... Que vejo ao meu lado?... Uma pequena alumna do Grupo Escolar que me offerecia o jornalzinho «P., A. e C.», dizendo:

—D. Rosalina, leia isto que escreveram aqui para a senhora não chorar mais.

Não pude conter as lagrimas!

A pequena tambem quasi a chorar continuava:

—Leia, que é muito bonito!

Então, sentei-me; e ali mesmo, naquelle lugar sagrado, li aquellas palavras de conforto que me dedicaste.

Agradeço-te, querida amiga, do intimo de minha alma. Para mim não foi uma surpresa, porque conheço, já de muito tempo, teu bondoso coração.

Que o bom Deus conserve os teus venerandos pais ainda por muitos annos são os ardentes votos que faz a desditosa amiga

Lages, 8-10-1918. Rosalina d'Oliveira

VARIACOES

(Versão do hespanhol por Zenir Alcéa)

A caça do leão no cinematographo

Foram sacrificados em Copenhague dois formosos leões, com o intento de se obter uma vista cinematographica da caça do leão.

O photographo comprou os leões ao celebre empresario Hagenbeck, e os conduziu a um lugar solitario, no campo, previamente decorado com bastidores e plantas de salão, que representassem, do melhor modo possível, uma selva africana. Como isca empregaram dois cordeiros.

Quando os caçadores, devidamente ataviados, se dispunham a representar seu papel, apresentou-se a policia, prohibindo terminantemente que soltassem as feras.

O photographo não renunciou, porém, á sua idéa, e pouco tempo faz que a levou a effeito, secretamente. Os leões, logo que foram postos em liberdade, pareciam assombrados, e não se atreviam a dar um passo, mas pouco depois ficaram furiosos e atacaram-se mutuamente a dentadas. Depois de alguns minutos de luta, os caçadores, que atiravam admiravelmente, mataram os dois leões a bala.

Si nossos leitores virem annuciado em algum cinema o espectáculo da caça do leão, já sabem onde e como foi tomada a pellicula.

Na Australia marcam-se os cavallos e o gado pela electricidade, em vez de ser com fogo; assim soffrem menos os animaes e as marcas saem mais artisticas.

Levando em conta seu tamanho, os seres mais fortes da creação são os insectos. Há escaravelhos que podem levantar um peso quin entas vezes maior que o do seu proprio corpo.

Diario da Filha de Maria

Uma Filha de Maria, sujeita a todas as miserias humanas, e, não obstante, orgulhosa, presunhida, cheia de pretensões e vaidades — e uma Mãe, elevada á mais alta e sublime dignidade, e tão humilde, tão desprezenciosa — seria incompativel discordancia, palpavel desaccordo.

A Filha de Maria deve, sem duvida, reconhecer o que porventura faz ou tem de bom em si, mas unicamente para attribuir tudo a Deus e pagar-lhe o tributo de sua gratidão; nunca, porém, se vangloria de alguma cousa, e, muito menos, de suas qualidades ou prerogativas; não faz ostentação de dotes naturaes, não allega distincções ou nobreza de nascimento, nem olha com desdem para aquelles que lhe são inferiores e de baixa condiç. o. (Extr.)

PENNA, AGULHA E COLHER

—Publicação semanal—
AssignaturasAnno 2\$000
Mez \$200

Pagamento adiantado

Quem obtiver 10 assignaturas annuaes pagas terá direito a uma gratuita.

*A assignatura annual para os assignantes da «Época» custa 1\$000.***Um quarto mal assombrado**

COMEDIA EM 1 ACTO

Adaptação de Edésia Aducci

PERSONAGENS:

Maria Ziegler, professora; Gabriela Siegler, tambem professora; Anna Capistrani; Magdalena Bel Esprit, escriptora; Joanna Macedo, dona da hospedaria; Wally, creadinha.

SCENA VII

MAGDALENA — Não nos importemos mais com isso! Venha cá, venha ouvir o fim da historia que este incidente veio interromper. O que eu lhe tinha dito, ainda não é nada; o principal vem agora. (Caminha, com Maria, em direcção ao seu quarto.) Aquella mocinha não estava bem preparada, mas tinha protecção, por isso obteve aquelle lugar, embora não tivesse estudado muito. Isto não lhe parece injusto?

Eu, que tanto me tinha distinguido em Paris com as minhas poesias, fiquei a chuchar no dedo!... Agora, porém...

MARIA — Mas, minha amiga, já é muito tarde, e a Sra...

MAGDALENA — Oh! venha, venha para o meu quarto; eu não gosto de estar sózinha, e mesmo nunca me deito antes de meia-noite.

(Entram no quarto de Magda'ena e fecham a porta; Maria leva o castiçal que estava acceso.)

SCENA VIII

Gabriela só (entra do outro lado, encontrando o quarto ás escuras)

GABRIELA — Que é isto? Quem me veio apagar a vela? Tenho toda a certeza de que a deixei accessa!... Nesta casa tudo é singular!... Não sei que pensar da hospedeira! Ha pouco, teimou que eu já tinha estado aqui neste quarto, e agora, por lhe ter pedido a cela, ri de mim, dizendo que já a tinha pedido. E' curioso!... Mas que vou fazer agora nesta escuridão? Não me é muito agradável ficar sózinha, e, de mais a mais, ás escuras!... Quem sabe si algum

ladrão... (Apalpa, procurando a mesa) Mesa onde estás? Onde estás, mesa? Querem! ver que até me carregaram a mesinha?! (Acha a mesa e procura o castiçal) Ah! aqui está ella! Falta agora o castiçal! (Apalpa) E os phosphoros tambem não estão mais aqui! Que caiporismo! (Zangada) Tenho que ir procurar outra vez (com desdem) a exma. sra. d. Joanna, para ouvir novamente as suas impertinencias!... Mas tambem nesta escuridão não ficarei! (Vae andando com os braços esticados á procura do caminho, e, esbarrando numa cadeira, esta cae.) Pai celestial, que foi isto? Ah! foi uma cadeira; não é nada! (Sae)

SCENA IX

Magdalena e Maria (trazendo o castiçal)

MAGDALENA — Desta vez eu mesma ouvi!

MARIA — E que barulho!... Que será isto meu Deus?!

MAGDALENA — Parecia que tinham batido no chão, com um cacete, e com toda a força!

MARIA — Compreenda quem puder. Eu... não posso comprehender o que é isto.

MAGDALENA — Não ha outro remedio sinão irmos ter com a madama. Porém... finalmente, que ha de ser, sinão alguma briga de gatos?

Tudo pela Boa Imprensa!

(Relação de donativos)

Um amigo da «Epoca»	1\$000
Quantia já publicada	356\$900
Somma até 22 — X	357\$900

NORA SANFELICE

Paginas soltas da vida de Myriam

V

Numa cidade banhada pelas vagas azues do Mediterraneo, encontramos novamente a condessa Myriam de Chenaud — Derry, mas... o rosto feliz e sereno de outr'ora não era mais o mesmo: não tinha perdido a sua antiga belleza; não, porque o ar serio e a leve prega entre os olhos davam-lhe um quê de bello e attrahente, mas... tinha-se tornado triste, pallida, sombria. O seu andar compassado fazia lembrar uma incognita majestade. E pallido e frio como seu rosto era seu raço. Com a morte repentina, inexplicavel, de seu pae, ficára ella, como unica herdeira, com os melhores meios de vida.

Casamentos sobre casamentos tinham apparecido, porém ella tinha dado uma resposta negativa a todos. Sentia-se só; tinha saudade de um lar, de amizade, e no entretanto negava-se a casar. Da doce solidão, da mocidade cheia de esperanças, fôra ella arrancada subitamente, e então sentia uma aversão amarga contra os homens. Depois de alguns mezes de permanencia no torrão natal, abandonára ella sua patria, percorrendo as principaes cidades da Europa. Ainda o luto cerrado era seu unico trajar, e seus movimentos, sua attitude, tudo fazia lembrar mais uma jovem viuva, do que uma orphan de 18 annos.

VI

Myriam devia, porém, conhecer a felicidade. A bordo do transatlantico «Regina Helena» os passageiros agrupavam-se no tombadilho. Myriam, toda de preto, como sempre, vinha vagarosamente fixando a vista ora aqui, ora ali, nos bellos panoramas que mar e céu formavam. Sentou-se depois numa das mesinhas e pediu um refresco. Ao servir-se, o livro que tinha entre as mãos cahiu no chão, e um senhor que se achava a pouca distancia, vendo-o, ajuntou-o e o entregou a Myriam, mas, ao entregal-o, sua vista cahiu sobre o que se achava escripto na capa: *Carnet de Mademoiselle Myriam de Chenaud—Derry*, e uma exclamação de surpresa escapou-se-lhe dos labios: *Mademoiselle Chenaud—Derry! Será possível?... Myriam olhou-o attentamente, e, corando, disse: «Monsieur de Bettine, si não me engano?»*

O moço estendeu-lhe a mão: «Myriam, não teria nada contra, si a tratar assim? Durante tão longos annos não esqueci meu protector, nem minha companheira de infancia».

E um olhar interrogador passou sobre o vestuario de luto da jovem. Esta comprehendeu, e seus labios tremiam enquanto fallava: «Henri, tudo mudou nos ultimos annos: meu pae falleceu repentinamente, deixando-me só neste mundo...» «Então», respondeu o jovem, «chegou a minha vez de proteger uma desamparada; Myriam, eis chegado o momento de pagar a bondade de seu pae».

Myriam limitou-se a sorrir.

VII

Em San Remo, Myriam e a snra. de Vendrier occupavam o 1.º «étage» de uma graciosa villa.

Nas primeiras horas de um bello dia, um moço e uma moça percorriam as alamedas do parque florido. Demorando se ora aqui, para ver uma tolhagem, ora ali, perante uma estatua, Myriam e Henri gosavam as delicias duma manhã de primavera.

Após algum tempo, Henri lhe disse: «Myriam, tenho a fazer-te uma pergunta, de que

depende a felicidade de minha vida. Queres ser minha? Repartir commigo as alegrias e pesares da vida?»

Myriam respondeu-lhe com um leve *sim*.

Aqui puxamos o panno sobre a vida de Myriam, que, depois da tempestade, entrara num porto seguro—o porto do amor.

Dominios da Esphinge

QUINTO TORNEIO CHARADISTICO

(Outubro, Novembro e Dezembro)

12—13) SYNCOPADAS

4—Este reptil comeu uma fructa—2

4—Este insecto foi comido por um animal—2

I. A.

14) APHERESADA

3—Perto do lago encontrei meu irmão—2.

I. A.

12) ANCILLA DOMINI

O resgate de um pae

JORNAL DE CECILIA

Mas a esse desgosto tão profundo que soffreu naquelle periodo devo attribuir a tua tendencia para a melancolia, para as lagrimas inexplicaveis que tantas apprehensões deram ás religiosas de Sion.

Nossos paes adoptivos deixaram-nos tudo que possuíam; não era uma fortuna, mas dava-me tempo de esperar a clinica que não vinha.

S. Paulo era uma grande aldeia, com fóros de cidade; todos se conheciam, sabia-se da chronica de cada familia, de modo que evitavam relações commigo todos aquelles que as tinham com meu padrasto; d'ahi a difficuldade de minha carreira medica.

Chegou a quadra mais dolorosa de minha existencia: nasceste custando a vida a tua mãe. Cecilia sobreviveu apenas 11 dias ao teu nascimento. Penso que lhe apressou a morte nova dureza cruel de minha mãe. Sentindo se minha mulher prestes a deixar a terra, escreveu de motu proprio á sogra este bilhete. (Papai estendeu-me um papel em que li, através as lagrimas, as seguintes palavras em caracteres trémulos, trahindo mão debil de doente):

«Minha mãe.

A' beira da sepultura venho pedir-lhe perdão por me haver casado com seu filho,

contrariando nisso a vontade de nossa mãe.

Alberto foi para mim o melhor dos maridos, e elle é também bom filho; ama a e venera-a do intimo d'alma. Perdôe também a elle o passo que deu contrahindo este enlace que está prestes a se romper na terra.

Deixo confiado a seus carinhos maternas não só o meu infeliz esposo, como a uma innocente filhinha para quem implôro todá a sua ternura e indulgencia: a pobrezinha não tem culpa da desobediencia dos paes.

De todo o coração perdôo á senhora o que entre nós houve. Deus a proteja e a torne feliz !»

Acabei de lêr em soluços esta carta, quando papae me entregou a resposta de minha avó.

«Senhora.

«Não a conheço. Nem tenho filho nem neta, desde que aquelle se uniu á mais *desprezível ralé* da sociedade. Apertem-se como puderem, não me importunem mais. Dispensio o seu perdão e devolvo-lhe a carta.— *Clara S.*»

Quando tua mãe recebeu esta resposta cruel—proseguiu papae com a voz embargada,—vendo a inquebrantavel dureza de minha mãe, perdeu os sentidos. Cecilia escreveu e recebeu a resposta sem que eu o soubesse, mas pouco depois entrava ella em agonia e eu tirei de sua mão nervosamente crispada esses dois papeis que me revelaram a causa do apressar da morte.

Minha bem amada Cecilia ! Diversas vezes tinha ella recebido a communião; pediu a extrema-unção que recebeu em pleno conhecimento.

Eu estava desesperado de dôr, ella porém dava-me coragem com palavras repassadas de ternura; depois pediu-me ainda: «Alberto, logo que seja possível, entrega nossa filha a um estabelecimento r ligozo, onde seja educada na piedade... e tu, querido de minh'alma, por amor de Jesus crucificado, perdôa tudo a tua mãe: si algum dia ella te procurar, recebe-a de braços abertos e fazê tudo por conquistar de novo a sua amizade, sim, querido esposo? Promettes-me isso?»

Eu soluçava sem poder proferir palavra. Cecilia morreu na illusão de que eu tinha perdoado.

(Deixarei para amanha a continuação da pungente narrativa de meu pae. E' tarde, sinto me emocionada ao escrever isso tudo. Minha pobre mãe ! quanto soffreu em sua rapida passagem pela terra ! Agora deve estar fruindo o premio de seus trabalhos !)

21 de Agosto

Continuação da narrativa:

«Morreu a tua boa mãe, deixando-te crancinha de 11 dias, unico destroço do naufragio de minha felicidade.

Como descrever, filha, a intensidade de meu soffrer ?

Nos primeiros tempos as saudades sobrepujaram os demais sentimentos; mais tarde, a par da dôr immensa que me causava a ausencia do anjo querido, concebi entranhado e ferrenho odio contra minha mãe ! Tu tremes, minha filha, e cobres o rosto: não te avisei que havias de sondar um abysmo ?

Sim, odio implacavel, sêde de vingança, todo o resentimento recalçado e vencido até então, graças á doçura e meiguice de Cecilia, tomavam terrível incremento. Vingança era o meu sonho; meu anelo—vingança custasse o que custasse !

Chegando a Paschoa fui confessar-me; viu-se porém o padre na impossibilidade de me absolver, porque eu não queria perdoar nem desistir da vingança, e desejava todo o mal possível a minha propria mãe !

Aos conselhos e admoestações do confessor oppunha eu a rigidez do aço, dizendo: «Embora me condemne eternamente... não perdorei, quero a desforra ainda que me custe o inferno. (Senti calafrios como si tivesse febre, e exclame: «Que horror, meu Deus ! mas depois o Sr. perdoou, papae?»)

— Não ! até hoje não. Escuta: mudei-me para o Rio de Janeiro. Estavas entregue desde que nasceste aos cuidados de uma ama e pouco ou nada me occupava contigo. Fazer carreira, trabalhar, galgar posição elevada, era o meu escopo. Nisso deu-se um facto que, vindo rasgar a ferida de amargas saudades, augmentou em mim a já grande versão por minha familia. Procurou-me em casa um jovem s: cerdoite desconhecido que me trazia alguns papeis. Eis em rapidos traços do que se tratava.

Como sabes, tua mãe havia sido exposta, e nesse documento vinha a causa do abandono da criança e a sua filiação que era aliás legitima.

A mãe de minha mulher, depois de ter depositado a recém-nascida á porta do velho Dr. Rocha, recolheu-se a sua casa muito mal, já para morrer; era tuberculosa, e conhecendo que poucos momentos lhe restavam, chamou um padre, confessou-se, e fel-o jurar que contaria á filha Cecilia quem eram os seus paes quando a menina attingisse a maioridade ou quando se casasse.